

## UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA NO ENSINO DE LÍNGUAS: ABORDAGENS E MÉTODOS: Análise das metodologias usadas no Nível Intermediário I<sup>1</sup>

Belchior Reis de Souza<sup>2</sup>  
Justina Marsaro Schultz<sup>3</sup>  
Wanderson Brandão Sousa<sup>4</sup>

### RESUMO

Esse artigo tem como objetivo explicar as principais abordagens e métodos utilizados no decorrer da história do ensino de línguas, levando em consideração o seu efeito na aprendizagem do estudante e seus principais fatores positivos e negativos. Os temas propostos serão exemplificados através da análise das abordagens utilizadas no ensino de Inglês do Nível Intermediário I, 2014.2, da UNEB – Campus X e, para tanto, serviu-se da pesquisa bibliográfica que tratou sobre o uso de abordagens no ensino de uma língua estrangeira (LEFFA, 1998), (CHAGAS, 1957), e a observação das aulas de inglês, considerando os recursos utilizados, a postura do professor em relação aos estudantes, a utilização da língua alvo, a reação dos educandos e o ambiente de aprendizagem. Foi observado que, durante as aulas, não há a utilização de apenas um método; há uma mescla de recursos disponíveis que objetivam facilitar a compreensão da Língua Estrangeira por todos educandos em sala, o que nos leva a crer que aliar os pontos positivos de cada método pode tornar o ensino mais efetivo e que o essencial para um educador não é saber qual método é superior, mas sim desenvolver atividades e meios de ensino que se relacionem com o contexto e cotidiano de seus educandos, considerando fatores individuais e coletivos.

**Palavras-Chave:** Métodos e abordagens; Ensino de línguas; Língua inglesa. Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

O aprendizado de idiomas estrangeiros e culturas diferentes tem sido uma busca de grande parte da humanidade desde tempos remotos, tendo em vista que civilizações são formadas a partir do contato entre pessoas de diferentes idiomas e dependem dessas interações interpessoais para continuar existindo. Entretanto, a discussão acerca das abordagens mais eficazes para o ensino de línguas é um tema mais recente.

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado pela professora Lucélia Alves Matos,

<sup>2</sup> Graduando do 7º semestre de Letras, licenciatura, habilitação em língua inglesa e literatura. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Departamento de Educação – *Campus X*. E-mail: belchior\_ivana@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do 7º semestre de Letras, licenciatura, habilitação em língua inglesa e literatura. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Departamento de Educação – *Campus X*. E-mail: tininhaschultz@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduando do 7º semestre de Letras, licenciatura, habilitação em língua inglesa e literatura. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Departamento de Educação – *Campus X*. E-mail: brandao\_uneb@hotmail.com

É quase unânime que dominar novos idiomas atualmente, na era da globalização e da comunicação em massa, é indispensável para quem deseja alcançar sucesso pessoal e profissional. Isso faz com que, a cada dia, um maior número de pessoas disponha-se a aprender uma ou mais línguas estrangeiras, demandando a maior oferta de profissionais especializados no ensino de idiomas. É evidente que tais profissionais desejem levar seus educandos à proficiência da língua estudada, mas qual seria o melhor método para que isso seja alcançado?

Portanto, o presente artigo objetiva explicar as principais abordagens e métodos utilizados no decorrer da história do ensino de línguas, levando em consideração o seu efeito na aprendizagem do estudante e seus principais fatores positivos e negativos.

Os temas propostos serão exemplificados através da análise das abordagens utilizadas no ensino de Inglês do Nível Intermediário I, no semestre 2014.2, da UNEB – Campus X e, para tanto, usamos a pesquisa bibliográfica e a observação das aulas de inglês, considerando os recursos utilizados, a postura do professor em relação aos estudantes, a utilização da língua alvo, a reação dos educandos e o ambiente de aprendizagem.

Inicialmente, é preciso estabelecer uma diferença importante para a maior compreensão do tema: abordagem e método. Levando em consideração os pensamentos de Almeida Filho (2007), a abordagem é um conjunto de pressupostos teóricos, de princípios e de crenças sobre o que é uma língua natural, o que é aprender e o que é ensinar outras línguas. Neste contexto, a abordagem pode ser considerada como uma teoria que tem como pressuposto o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira. No entanto, Martins (2012, p. 97) destaca que “O método é a realização prática de uma abordagem. Nesse se define os tipos de atividades e materiais a serem usados, os papéis do professor e aluno, as técnicas e procedimentos a serem utilizados.”.

Desta forma, se a abordagem é uma teoria que trata a respeito do ensino/aprendizagem de uma determinada língua estrangeira, o método é a representação prática dessa teoria, é o momento e o espaço no qual o professor pode aplicar os conceitos que tratam essa abordagem.

## AS ABORDAGENS

### ABORDAGEM DA GRAMÁTICA E TRADUÇÃO

Essa abordagem, historicamente, surgiu para ministrar o ensino das línguas clássicas, ou seja, o grego e o latim, tendo como foco principal o acesso do estudante à parte escrita da língua; o centro do ensino estava focado nas habilidades de ler e escrever. Tal abordagem ficou conhecida como o Método da Gramática e da Tradução e predominou até o final do século XIX. Na prática, o estudante tinha acesso à língua alvo através de sentenças. Essas eram traduzidas para a língua materna e vice e versa. Este processo se estabeleceu sem fundamentação teórica da linguística ou outras ciências afins, sendo caracterizado por teóricos, como Leffa, ao citar que

Os três passos essenciais para a aprendizagem da língua são: (a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases e (c) exercícios de tradução e versão (tema). É uma abordagem dedutiva, partindo sempre da regra para o exemplo. (LEFFA, 1988, p. 215)

Dessa forma, o professor não precisa ser um conhecedor profundo do idioma alvo, pois a maior parte dos materiais possuía a informação necessária. Ele deveria, entretanto, ter domínio de seu próprio idioma, pois o ensino se dava a partir da primeira língua. Oliveira nos informa que

Os exercícios eram de características maçantes, voltados para a aplicação das regras gramaticais, ditados e traduções. Os instrumentos utilizados no processo de ensino-aprendizagem eram o dicionário e o livro de gramática. Em uma relação vertical com os alunos, o professor era a autoridade dentro da sala de aula, pois era ele quem detinha o saber. (OLIVEIRA, 2011, p. 14)

Quase não havia iniciativa por parte dos estudantes, toda a estrutura era voltada para que o aluno não cometesse erros. A gramática era vista de forma dedutiva por apresentação e o estudo de regras se fazia através de exercícios de tradução.

### ABORDAGEM DIRETA (AD)

Cestaro (1999) afirma que “O termo “direta” se refere ao acesso direto ao sentido sem intervenção da tradução, de forma a fazer com que o aprendiz pensasse diretamente na língua estrangeira”. Também conhecida como Método Direto, é uma abordagem quase tão antiga quanto a da Gramática e Tradução e, na verdade, surgiu como uma contraposição aos pensamentos e

metodologias da AGT.

Dentre as características mais importantes a serem citadas estão o fato de que: a língua alvo deveria ser utilizada o tempo inteiro na sala, e em nenhum momento o estudante e nem mesmo o professor poderia utilizar a L1, como assegura Leffa (1998), ao dizer que.

O princípio fundamental da AD é de que a L2 se aprende através da L2; a língua materna nunca deve ser usada na sala de aula. A transmissão do significado dá-se através de gestos e gravuras, sem jamais recorrer à tradução. O aluno deve aprender a "pensar na língua" (LEFFA, 1988, p. 2016).

A ênfase na AD está em primeiro lugar nas habilidades de ouvir e falar, porém, pela primeira vez, as quatro habilidades são mencionadas em relação ao ensino de línguas. As aulas de gramática já poderiam ser introduzidas nos primeiros encontros, não havendo, entretanto, a tradução em caso de o estudante não compreender algum termo, o que culminaria no ensino de vocabulário mediado por mímicas, figuras e objetos da própria sala de aula; e a aprendizagem indutiva da gramática, ou seja, a não explicitação de regras gramaticais. Tal descrição levou Saz (1980) e Brown (1994) a afirmar que a AD era mais uma atitude em relação ao ensino de línguas do que um método de ensino em geral, pois necessitava de uma boa base teórica.

O ditado não é mais utilizado como estratégia de aula, passa-se então a utilizar diálogos situacionais nos quais os alunos poderiam exercer a língua de forma viva. Primeiramente, o estudante era exposto à língua, para somente depois aprendê-la de forma sistemática. Outro ponto importante a ser mencionado em relação a AD, é a maneira como ela foi recebida no Brasil e como foi o seu desenvolvimento. Leffa nos informa que

A AD, em que pese seu prestígio e apoio oficial (inclusive no Brasil) teve sempre dificuldade em se expandir. Ou por não ter os pré-requisitos linguísticos exigidos (fluência oral a boa pronúncia) ou por não possuir a resistência física necessária para manter a ênfase na fala durante várias horas diárias, o professor, após o entusiasmo inicial com a AD, acabava sistematicamente regredindo a uma versão metodológica da AGT. (LEFFA, 1988, p. 216).

A situação destacada acima é vivida nas salas de aula das escolas regulares ainda hoje, pois ainda que o professor tente falar em língua inglesa, o entusiasmo logo passa frente às situações que encontra.

## ABORDAGEM PARA A LEITURA

Esta abordagem também ficou conhecida como Método de Leitura. Neste caso, o foco obviamente está na habilidade de ler e surgiu, inicialmente, com a necessidade de um estudo comparativo entre a Abordagem da Gramática e Tradução e da Abordagem Direta. Tal abordagem justifica-se pois,

Pela leitura concretiza-se a principal razão do ato de linguagem, que é a produção de sentido. Aprender a ler de modo amplo e em vários níveis é aprender a comunicar-se, é valer-se do texto em língua estrangeira para conhecer a realidade e também para aprender a língua que, em última instância, estrutura simbolicamente essa realidade, conformando visões de mundo. (BRASIL, 2002, p. 94).

Suas características principais são a utilização de textos que trabalhavam a leitura; as aulas não enfocavam nas outras habilidades (ouvir, falar e escrever), a tradução era comumente utilizada.

Embora houvesse a preocupação de ensinar a produzir e reconhecer os sons da língua, a ênfase na pronúncia era mínima. Predominavam os exercícios escritos, principalmente os questionários baseados em textos (LEFFA, 1988, p. 218).

Esta abordagem recebeu muitas críticas por parte dos estudiosos, entre eles destaca-se a fala de Gatenby, ao afirmar que

Não se concebe que um professor de matemática decida evitar a multiplicação e a divisão devido a sua dificuldade, e dedique sua atenção ao desenvolvimento da adição e da subtração entre seus alunos; no entanto um procedimento muito semelhante é adotado pelo professor de línguas que, exasperado pela incapacidade de seus alunos em aprender, ou de si mesmo em ensinar, abandona o ouvir, o falar, o escrever e se concentra somente na leitura (GATENBY, 1972, p. 43).

Para alguns pensadores há uma necessidade de utilização das quatro habilidades – *listening, speaking, writing and Reading* – para que haja um aprendizado efetivo de idiomas estrangeiros, tendo em vista que um indivíduo torna-se proficiente em uma língua, ao dominá-la em todos os seus níveis, como elucidado por Chagas:

Há uma interdependência tão íntima dos quatro aspectos instrumentais do ensino dos idiomas - ouvir, falar, ler e escrever, que nenhum deles poderá ser atingido isoladamente, sem que se dê justo relevo aos demais. Treinados exclusivamente para a leitura, os escolares americanos terminaram por não aprender nem mesmo a ler. Não se altera impunemente a ordem natural das coisas (CHAGAS, 1957, p. 420).

Este caso pode ser exemplificado pelos analfabetos funcionais em língua portuguesa. Uma pessoa, por exemplo, que consegue compreender a língua portuguesa, porém não sabe ler e escrever é considerada uma analfabeta. Logo para se ter domínio de uma língua é preciso haver domínios das habilidades dela.

## ABORDAGEM AUDIOLINGUAL

Segundo Almeida Filho (2007), a Abordagem Audiolingual, também conhecida como Método do Exército, surgiu com o advento da Segunda Guerra Mundial. Havia uma necessidade de comunicação entre os soldados de diferentes lugares, aliado a isso, os companheiros precisavam se comunicar de maneira rápida e eficiente, com o mínimo espaço de tempo possível. Então criou-se, a partir desta necessidade, um método em que os aprendizes passaram a ser submetidos a aulas do idioma alvo com as seguintes características: diminuição do tamanho das turmas e até mesmo atendimento individual se fosse necessário, contratação de pessoas especialistas na área, como linguistas por exemplo, Leffa(1988) afirma que “A duração das aulas era de nove horas por dia por um período de seis meses”.

A abordagem foca que o estudante primeiro aprenda a ouvir e falar e posteriormente a ler e a escrever. A aprendizagem de fato só ocorria quando o educando automatizava os processos aos quais estava exposto.

A gramática era apresentada aos alunos através de diversos exemplos e modelos e não como regras; e os paradigmas gramaticais e o vocabulário eram apresentados em frases completas. O ensino construía-se através da repetição oral das estruturas apresentadas em sala de aula, a fim de serem totalmente memorizadas e automatizadas. (OLIVEIRA, 2011, p. 16)

Outra premissa importante era a de que deveria se aprender a língua, e não sobre a ela. O aluno precisava repetir diálogos situacionais até automatiza-los; os estudantes eram expostos a gravações de conversas de falantes nativos da língua, e isso acontecia de forma militar. Segundo Leffa (1998) “Há agora a presença de laboratórios de línguas com recursos auditivos, o professor é o centro de todo o processo de aprendizagem”.

Pela primeira vez, o ensino de línguas ganha status de ciência. A utilização de recursos e técnicas de aprendizagem trouxe bons resultados para os aprendizes. Porém, a evasão era grande pela falta de motivação. A metodologia audiolingual segundo Cestaro (1999) baseava-se nas ideias do Behaviorismo de Skinner<sup>5</sup> e da Linguística Distribucional, de Bloomfield<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup>Surgindo em oposição ao Funcionalismo e Estruturalismo, Behaviorismo é uma das três principais correntes da psicologia e tem como objeto de estudo o comportamento, sendo John Watson seu precursor. Frederic Skinner propôs o Behaviorismo Radical, com ideias opostas as de Watson, afirmando que o meio ambiente era o responsável pelo comportamento humano e que os aspectos cognitivos não são considerados, pois o ser humano é visto como um ser

Os erros não eram admitidos neste método. O professor deveria saber as diferenças lexicais e fonológicas entre as línguas para se focar exatamente nestes aspectos. Quando um aluno errasse, deveria ser logo corrigido pelo professor e os acertos eram reforçados. Para esta Abordagem, a língua é um conjunto de hábitos, ou seja, o que os falantes nativos dizem e não o que querem dizer, e isso faz com que os idiomas sejam diferentes.

## **ABORDAGEM COMUNICATIVA (AC)**

O Ensino de Línguas sofreu uma evolução decorrente da revolução audiolingual e da renovação dos métodos nos anos 70. Como resultado, o processo de Aquisição de Linguagem construiu uma visão holística a respeito dos processos de aprendizagem de idiomas, o que gerou princípios bem fundamentados, tanto na parte teórica quanto prática. Dessa forma, os educadores deixaram de lado o ensino ortodoxo e passaram a buscar uma abordagem que desse prioridade a comunicação. Assim, nasce nos anos 80 a Abordagem Comunicativa.

Como o próprio nome sugere, para a AC a ideia central está na função social da linguagem, para Leffa (1998) “a língua era analisada não como um conjunto de frases, mas como um conjunto de eventos comunicativos”, ou seja, a língua se dá através da comunicação entre os indivíduos falantes. Ela pressupõe que o aluno deve aprender a se comunicar na língua estrangeira através da interação com outros alunos e com o professor, estando voltado para a preparação do educando em lidar com situações reais de comunicação, mesmo acontecendo em grande parte na sala de aula. Portanto, o ensino desse idioma deve ter por pressuposto que o objetivo não é descrever a forma da língua, e sim o que se faz com e através dela.

O material usado para a aprendizagem da língua deve ser autêntico. Os diálogos devem apresentar personagens em situações reais de uso da língua, incluindo até os ruídos que normalmente interferem no enunciado (conversas de fundo, vozes distorcidas no telefone, dicções imperfeitas, sotaques, etc.). Os textos escritos não devem se restringir aos livros ou artigos de revista, mas abranger todas as formas de impressos: jornais (notícias, manchetes, fotos com legendas, propagandas, anúncios classificados, etc.), cartas, formulários, contas, catálogos, rótulos, cardápios, cartazes, instruções, mapas, programas, bilhetes, contratos,

---

homogêneo, e não um ser composto por corpo e mente.

<sup>6</sup> O objetivo da Linguística Distribucional de Bloomfield é a elaboração de um sistema de conceitos à descrição sincrônica. Ela baseia-se na psicologia Behaviorista, que tem Skinner como um de seus maiores teóricos. Assim, sua teoria é proposta, no qual, diz que para um sujeito identificar o objeto "cadeira", por exemplo, ele é preciso estar perto do mesmo para entender o que é realmente. Com isso, na perspectiva de Skinner, termos como "conteúdo", "significado" ou "referente" devem ser desprezados enquanto utilizados em respostas verbais. (RUIZ, 2009)

cartões, listas telefônicas, tudo enfim ao que o falante nativo está exposto diariamente. (LEFFA, 1988)

## ANÁLISE DAS AULAS DE INGLÊS DO NÍVEL INTERMEDIÁRIO I – 2014.2

Ao estudarmos os processos históricos de desenvolvimento do ensino de língua estrangeira, é possível fazer uma análise de como essas abordagens se desenvolveram ao longo do tempo e, além disso, fazer uma relação existente entre os métodos históricos e como eles auxiliam os professores atualmente. Dentre as abordagens e métodos descritos acima, podemos ver, de forma sucinta, as seguintes características:

### **Abordagem da Gramática e Tradução:**

- Foco nas Habilidades de ler e escrever;
- Tradução de LM para LE e vice-versa;
- Memorização de Palavras;
- Memorização de Regras;
- Professor é o centro;
- Utilização de Ditado.

### **Abordagem Direta**

- Foco nas habilidades de ouvir e falar;
- Utilização única da língua-alvo;
- Não tradução;
- Pensar em língua estrangeira;
- Domínio por parte do professor;
- Não utilização de ditado.

### **Abordagem para a Leitura**

- Foco na habilidade de ler;
- A tradução é permitida;
- Apresentação das regras através de textos;

- O professor não precisa ser especialista.

### **Abordagem Audiolingual**

- Foco nas habilidades de ouvir e falar;
- Utilização da língua-alvo;
- Ensino da língua e não sobre ela;
- Utilização de Recursos/Laboratórios;
- Automatização do processo;
- Presença de especialistas e nativos;
- Correção de erros pelo professor.

### **Abordagem Comunicativa**

- Foco nas habilidades de falar;
- Utilização da língua alvo;
- A língua como eventos comunicativos;
- Utilização de materiais aos quais o falante nativo está exposto (conversas de telefone, ruídos de fundo, lista telefônica);
- Comunicação entre os alunos.

Dentre as abordagens expostas, pudemos perceber que nas aulas de Inglês Intermediário I – 2014.2, os seguintes recursos foram utilizados:

- Foco nas quatro habilidades, porém, maior trabalho com ouvir e falar;
- Utilização da língua alvo;
- Utilização de recursos audiovisuais;
- Utilização de recursos multimídia;
- Não tradução, porém quando necessário traduz-se uma ou outra palavra;
- Comunicação entre estudantes permitida e incentivada em inglês.

Observa-se que, durante as aulas, não há a utilização de apenas um método; há uma mescla de recursos disponíveis que objetivam facilitar a compreensão da Língua Estrangeira por todos os educandos em sala, o que nos leva a crer que aliar os pontos positivos de cada método pode tornar o

ensino mais efetivo e que o essencial para um educador não é saber qual método é superior, mas sim desenvolver atividades e meios de ensino que se relacionem com o contexto e cotidiano de seus educandos, considerando fatores individuais e coletivos.

Portanto, pode-se concluir que as características das abordagens continuam remanescendo até os dias atuais. Entretanto, a grande questão é que não existe um profissional que trate das abordagens individualmente, ou seja, para criar suas aulas, o educador toma posse da característica da abordagem que lhe é mais peculiar, e isso depende de suas preferências pessoais, dos recursos disponíveis em sala de aula e da realidade dos educandos – tudo com o objetivo maior, que é o de maximizar a compreensão e absorção do idioma ensinado.

## CONCLUSÃO

Ter conhecimento dos processos históricos, das definições dos métodos de ensino de línguas e, principalmente, dos recursos que eles oferecem aos professores de idiomas, são ferramentas que permitem a este profissional a possibilidade de analisar cada método e optar por aquele que mais se adapte à realidade de seus alunos e os leve a proficiência na língua estudada.

Assim, como em qualquer profissão, a área de ensino de línguas estrangeiras exige constante aperfeiçoamento e busca por técnicas atuais pelo professor, a fim de estar sempre preparado para auxiliar seus alunos a adquirir fluência e segurança no idioma alvo. Portanto, este artigo buscou descrever algumas das principais abordagens e métodos de ensino de língua estrangeira, apresentando suas características mais marcantes e ao que eles se propõem.

Nota-se que os idiomas estrangeiros, especialmente o inglês, permeia vários segmentos na vida do brasileiro, seja de forma linguística ou cultural, fazendo com que a fluência em novas línguas torne-se indispensável na busca pelo espaço e atuação dos profissionais no tão competitivo mercado de trabalho atual, bem como para inserção de qualquer indivíduo no novo contexto mundial da globalização.

Deste modo, anseia-se que as informações expostas sirvam de referencial àqueles que pretendem inserir-se na prática do ensino de línguas, tendo em vista que, ao ter acesso as características positivas e negativas das principais abordagens, estejam mais aptos a escolher a metodologia que melhor se adequa as necessidades de cada um de seus educandos, facilitando



assim o seu aprendizado.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Linguística aplicada** – ensino de línguas e comunicação. Campinas, SP: Pontes Editores e Arte Língua, 2ª ed., 2007
- BRASIL. PCN+ **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002. Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2014
- BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. New Jersey: Prentice Hall, 1994
- CESTARO, Selma Alas Martins. **O ensino de língua estrangeira: História e Metodologia**. Publicado em: 1999. Disponível em:<<http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2014
- CHAGAS, R. Valnir. **Didática especial de línguas modernas**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957.
- DE SAZ, S. M. P. **La lingüística y la enseñanza de las lenguas**. Madrid: Empeño, 1980.
- GATENBY, E.V. **Conditions for success in language learning**. In ALLEN, Harold B. & CAMPBELL, Russell N.(Orgs.) **Teaching English as a second language: a book of readings**. Bombay, Tata McGraw-Hill, 1972. p.43-48.
- LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. apud BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p.211-236.
- MARTINS, Cristiana Gomes de Freitas Menezes. **Panorama Das Principais Abordagens E Métodos No Ensino De Língua Estrangeira**, in, Revista Perspectiva FGF – 2012.2 |ISSN 2238-524X.
- OLIVEIRA, Ana Beatriz Caddah de. **Ensino de língua inglesa como disciplina curricular no ensino fundamental em escolas públicas do distrito federal**. Brasília/DF, 2011.
- RUIZ. M.A.A. **Estruturalismo: A Corrente Norte-Americana**. 2009. Disponível em  
<<http://linguisticaeosestudosepistemologicos.blogspot.com.br/2009/10/estruturalismo-corrente-norte-americana.html>>. Acesso em 28 nov. 2014.